

AS FORÇAS VIVAS

A reunião de Oliveira de Azemeis

Uma filha que sai aos pais---Confissões preciosas que convem registar

A União dos Interesses Económicos — nome pomposo que define a organização dos exploradores do nosso suor e do nosso escasso dinheiro — conta já grande força na Aldeia de Paio Pires e em Oliveira de Azemeis. Nesta última localidade realizou-se há dias uma grande sessão de propaganda das forças vivas. Pelo extenso relato de *O Seculo* verifica-se que a sessão foi maior do que... a localidade onde se efectuou.

Para Oliveira de Azemeis partiram, pois, os altos influentes das forças económicas — ou das classes produtoras, que é o nome que se dá agora aos indivíduos que não trabalham. Na sede da Associação Comercial daquela vila decorreu a grande sessão de propaganda, que o «reporter» pintou com as cores mais vivas — mais vivas do que as forças ditas...

Falou muita gente, da melhor que existe lá na U. I. E.

Roque, Ferreira & Pereira da Rosa, Limitada

O leitor já conhece os oradores. São o sr. Roque da Fonseca, Alfredo Ferreira e o sempre oportuno, o inevitável Pereira da Rosa. O primeiro, depois de ter falado o sr. Borges, que é o carola daquela frequência, orou em nome da U. I. E. Disse muitas coisas que delataram o custo dos papéis, porque não prestavam e disse outras que não podemos deixar de pôr ante os olhos do leitor.

Afirmou que a U. I. E. tinha intuições levantadas e que tudo aquilo não era obra de meia dúzia, mas de todos os comerciantes, industriais e agricultores e que mais ainda era obra dum nação que os erros dos seus políticos levaram ao momento grave que atravessamos.

Este Roque sempre teve a mania de que a nação é apenas constituída por comerciantes, industriais e agricultores. E por defender apenas estes simpáticos cavalheiros julga que defende o país inteiro. No país, não há, para as classes produtoras, senão os interesses dos comerciantes, industriais e agricultores.

Operários, médicos, artistas, engenheiros e tantas outras classes que compõem uma nação não existem, não contam para as forças vivas. E falam elas descaradamente em nome da nação!

Por isso o mesmíssimo Roque noutra passagem do seu discurso exclamava: — Chegou o momento de dar tudo à agricultura! Chegou o momento de dar tudo à indústria! Chegou o momento de dar tudo ao comércio!

Como eles — ó depenados consumidores! — não nos tivessem já levado tudo!

Chama aquilo — dar tudo aos que tudo têm arrancado das nossas algibeiras — salvar a pátria.

Os comerciantes, os industriais e os agricultores de Oliveira de Azemeis que escutam enlevados aquelas palavras sedutoras, sentindo-se por uma estranha ilusão de óptica (o caso da rã e do boi) do tamanho da nação, incharam, incharam — e aplaudiram.

O aumento do preço da carne

o um alôgo diplomático de congratulação pela chegada do gado argentino

O ministro da Argentina em Lisboa ofereceu ontem no palacete da Legação um almoço aos ministros da Agricultura e dr. Marques da Costa, presidente da comissão executiva da Câmara Municipal de Lisboa e da comissão de abastecimento de carnes, a fim de comemorar o recente comércio de gado argentino, estabelecido entre a veracão de Lisboa e o seu país, para abastecimento da capital. Por coincidência começou ontem o aumento de um escudo por quilograma no preço da carne de vaca, visto que o negócio do gado argentino não permitiu à Câmara manter a última tabela de preços em que havia alguma vantagem para o consumidor. Esse facto está dando lugar a protestos e a azeitos comentários contra a Câmara Municipal e sua comissão de abastecimento de carnes, pois que o agravamento do preço da carne provoca a carestia de outros comestíveis de primeira necessidade. Vem a propósito dizer que no Algarve, devido à atitude enérgica de algumas câmaras municipais daquela província, se está vendendo a carne de vaca a 6500 cada quilograma e a carne de porco a 7500.

O presidente da comissão executiva da Câmara Municipal de Lisboa, pede-nos a publicação da seguinte nota oficial:

«Como esclarecimento à errada informação que à imprensa foi dada sobre supostos aumentos de venda da carne ao público, autorizados pelo presidente da Câmara Municipal, cumpre-nos informar o seguinte:

1.º. Que continuarão em vigor nos talhões municipais, que funcionam como talhões reguladores, e onde haverá carne em grande quantidade as tabelas até aqui existentes;

2.º. Que reconhecida a impossibilidade de fazer respeitar as tabelas pelos talhões particulares, ficaram estes a partir de hoje em regime de liberdade de comércio, como meio de obter a redução de preços pela concorrência, visto estar assegurado o fornecimento de carne à cidade em abundância.

3.º. Que reconhecida a impossibilidade de fazer respeitar as tabelas pelos talhões particulares, ficaram estes a partir de hoje em regime de liberdade de comércio, como meio de obter a redução de preços pela concorrência, visto estar assegurado o fornecimento de carne à cidade em abundância.

4.º. Que reconhecida a impossibilidade de fazer respeitar as tabelas pelos talhões particulares, ficaram estes a partir de hoje em regime de liberdade de comércio, como meio de obter a redução de preços pela concorrência, visto estar assegurado o fornecimento de carne à cidade em abundância.

5.º. Que reconhecida a impossibilidade de fazer respeitar as tabelas pelos talhões particulares, ficaram estes a partir de hoje em regime de liberdade de comércio, como meio de obter a redução de preços pela concorrência, visto estar assegurado o fornecimento de carne à cidade em abundância.

6.º. Que reconhecida a impossibilidade de fazer respeitar as tabelas pelos talhões particulares, ficaram estes a partir de hoje em regime de liberdade de comércio, como meio de obter a redução de preços pela concorrência, visto estar assegurado o fornecimento de carne à cidade em abundância.

7.º. Que reconhecida a impossibilidade de fazer respeitar as tabelas pelos talhões particulares, ficaram estes a partir de hoje em regime de liberdade de comércio, como meio de obter a redução de preços pela concorrência, visto estar assegurado o fornecimento de carne à cidade em abundância.

8.º. Que reconhecida a impossibilidade de fazer respeitar as tabelas pelos talhões particulares, ficaram estes a partir de hoje em regime de liberdade de comércio, como meio de obter a redução de preços pela concorrência, visto estar assegurado o fornecimento de carne à cidade em abundância.

9.º. Que reconhecida a impossibilidade de fazer respeitar as tabelas pelos talhões particulares, ficaram estes a partir de hoje em regime de liberdade de comércio, como meio de obter a redução de preços pela concorrência, visto estar assegurado o fornecimento de carne à cidade em abundância.

10.º. Que reconhecida a impossibilidade de fazer respeitar as tabelas pelos talhões particulares, ficaram estes a partir de hoje em regime de liberdade de comércio, como meio de obter a redução de preços pela concorrência, visto estar assegurado o fornecimento de carne à cidade em abundância.

11.º. Que reconhecida a impossibilidade de fazer respeitar as tabelas pelos talhões particulares, ficaram estes a partir de hoje em regime de liberdade de comércio, como meio de obter a redução de preços pela concorrência, visto estar assegurado o fornecimento de carne à cidade em abundância.

12.º. Que reconhecida a impossibilidade de fazer respeitar as tabelas pelos talhões particulares, ficaram estes a partir de hoje em regime de liberdade de comércio, como meio de obter a redução de preços pela concorrência, visto estar assegurado o fornecimento de carne à cidade em abundância.

As ideias e as iniciativas do ministro do trabalho

Promete-se a desapareição da mendicância nas ruas, a venda de «stocks» das fábricas com grandes abatimentos e a solução da crise de trabalho, indústria por indústria

O ministro dr. sr. João Deus Ramos deu ontem ao *Diário de Notícias* uma longa entrevista pormenorizando os seus planos e iniciativas dentro das várias questões que correm pela sua pasta. Começou por explicar o seu apartamento da política, durante alguns anos, alegando que ela se tornou quase exclusivamente política de negócios. Voltara à actividade convenciado que a política dera a alma ao criador, o que é no nosso modo, de ver, uma bela ilusão...

O dr. sr. João Deus Ramos quer que a Assistência Pública torne eficaz a sua acção a ponto de não mais se voltar a ver, por toda a cidade, um único mendigo. Utopia! A sociedade que produz os ricos produzirá inevitavelmente, os mendigos. São inseparáveis a existência dos ricos e dos mendigos. Pode o ministro do trabalho, trabalhar, esfaltar-se e verificar, quando já se sinta esgotado, com o suor perlando-lhe a fronte que o mal existe na estrutura da sociedade e só tocando neste e profundamente deixará de se dar os fenómenos sociais a que ela conduz. O seu esforço pode agasalhar mais uns pobres, poupar alguns sofrimentos, estancar algumas lágrimas, mas a miséria humana permanecerá com a sua dor e os seus andrajos. O ministro reparou também que os penhoristas arrancam a pele às pessoas que vivem do trabalho, exigindo-lhes o juro elevadíssimo de 120 % ao ano. Pensa evitar essa exploração, dando um maior desenvolvimento às Caixas Económicas. Registamos essa declaração, sem que duvidemos um instante que os penhoristas venham a encolher as suas garras...

Nicollau de Almeida, assim se chama a vítima, lamenta que seu filho, faltando-lhe ao respeito, lhe infligia tantas torturas.

Por várias vezes o 1.122 ameaçou o pai de morte, apontando-lhe a pistola. Outra vez tentou agredir-lo com o «casse-tête». E, por fim, inventou uma intriga que levou o director da Polícia de Investigação Criminal a mandá-lo prender. Um polícia que manda prender o próprio pai que será capaz de fazer aos que lhe são estranhos?

O certo é que o pobre homem foi parar ao Lameiro, tendo conseguido sair mercê duma fiança.

Admitindo que aquele pobre pai tivesse praticado o pior, o mais abjecto dos crimes, não se conceberia nunca que fosse o seu filho quem o denunciase e mandasse prender!

Vejam os leitores de que qualidade é este 1.122 que nem o pai conhece. Onde está aquele sentimento terno — o amor filial — que dignifica a humanidade? Onde está esse simples respeito que deve haver, já não digamos de filho para pai, mas pelo menos dum indivíduo novo para um velho?

Está seco e bem seco aquele coração. Está como o sr. Amaral gosta.

Que se queira na polícia? Indivíduos que sejam capazes de matar o próprio pai. E com esta gente que se forma uma corporação que tem por missão manter a ordem na sociedade. E com estes bandidos — almas prontas para todas as violências, para todas as desordens — que se pretende assegurar à população o predomínio da tranquilidade na vida social.

Não há facinora que não possua uma medalha ou, pelo menos, um louvor. Se o 1.122, símbolo da ordem e da disciplina, ainda não possui qualquer distintivo honorífico que dignifique a sua ferocidade, porque motivo não o premeiam com a «Torre e Espada»?

Não digamos estas coisas a brincar, porque o comissário geral da polícia é capaz de carregar de medalhas o peito ao 1.122. E este, ansioso por ascender mais alto na hierarquia policial — é capaz de chegar a casa e cometer o acto glorioso de assassinar o pai.

EM LOANDA

Andam 250 desempregados arrastando a sua extrema miséria

São inúmeras as cartas que a *Batalha* tem recebido de Africa, revelando a miséria que por lá existe, entre os europeus que se deixavam seduzir por sedutoras promessas.

Muitos operários deixaram-se arrastar por essas promessas e embarcaram para Loanda, julgando que iam ali encontrar casa para morar e ordenados chorudos.

Afinal, como a *Batalha* por várias vezes avisou, os operários foram enganados. Nem bons ordenados, nem casas para morar encontraram.

A crise de trabalho é lá grande, devido à crise económica que a província de Angola atravessa.

Segundo a opinião dum nosso informador, em Loanda cerca de 250 desempregados lutam com grandes dificuldades, apesar do governador ter tentado empregar alguns. Não tem possibilidade de regressar a Portugal, esperando muitos deles que a morte ponha termo aos seus sofrimentos.

A maioria dos desempregados pertence principalmente à classe dos trabalhadores rurais, que estão lutando com a fome.

Esta miséria não pode manter-se. Urge que os governantes tomem as providências necessárias para aqueles desempregados não continuarem em tão aflição situação.

Verifica-se, mais uma vez, que as colónias só são boas para altos comissários que lá enriquecem, enquanto os trabalhadores morrem de fome.

EM PORTIMÃO

Contra o clericalismo

Tendo-se, ultimamente, desenvolvido uma intensa propaganda religiosa em Portimão, não havendo ninguém que a tal se oponha, e tendo sido injustamente preso Francisco José Mateus devido a ocorrências provocadas por essa propaganda, os sindicatos da construção civil e metalúrgico de Portimão aprovaram e enviaram ao delegado do governo naquela cidade um protesto contra esta violência, manifestando a sua contrariedade para, ao mesmo tempo que a falta de habitação;

Considerando que a crise de trabalho, que as classes trabalhadoras deste concelho estão atravessando não tem justificação, visto existirem muitos trabalhos para efectuar em todos os ramos de actividade;

Considerando que as estradas neste concelho se encontram intransitáveis;

Considerando que os edifícios públicos e particulares carecem de reparação, e demolição visto alguns ameaçarem ruína, como muitos pardeiros existentes nas freguesias deste concelho, que transformados em casas de moradias, iriam atender um pouco a falta de habitação;

Considerando que nas lezírias deste concelho existem muitos terrenos incultos e baldios, que aproveitados, produziriam bastantes moios de trigo;

A PONTE SOBRE O TEJO

Num imponente comício em Vila Franca de Xira reclama-se a sua imediata construção

Considerando que o importante melhoramento que é a ponte sobre o Tejo, em frente de Vila Franca, muitos interesses traria aos habitantes deste concelho, bem como a toda a região do Ribatejo, porque a sua construção neste momento, debelaria a grande crise de trabalho que estão atravessando as classes operárias deste concelho.

As associações de classe e o povo em geral, reunidos em comício público, no Cinema Teatro de Vila Franca de Xira, resolveram apresentar as seguintes reclamações:

1.º — Reparação das estradas na área deste concelho;

2.º — Reparação dos edifícios públicos, e reclamação da Câmara Municipal para que todos os proprietários de prédios que careçam reparação ou demolição por ameaçarem ruína assim como todos os pardeiros sejam obrigados pela Câmara a edificá-los ou repará-los;

3.º — Obrigar os possuidores de terrenos incultos ou baldios a torná-los produtivos;

4.º — Reclamar do ministro do Comércio a autorização com a máxima brevidade, da construção da ponte sobre o Tejo.

O sr. José Dias da Silva, que falou a seguir, foi recebido com uma estrondosa salva de palmas.

Em sua opinião a ponte sobre o Tejo não resolvendo a crise, atenuá-la consideravelmente.

Também é dos que têm a opinião que a burocracia ministerial tudo protela, e que mesmo que o governo de lá, resolvesse erguer esta grandiosa obra ela só daqui a meses se iniciaria.

Mas para que tal não sucedesse era mister nomear-se uma comissão mista de operários e patrões que estudariam mais inteligentemente o problema, pois, sendo um sonho dos nossos antepassados a ponte sobre o Tejo ela deve ser materializada por nós.

O dr. sr. Duarte Figueira discorda das opiniões do sr. Augusto Dias da Silva, visto entender que é à Câmara que compete abrir o concurso para a construção da ponte e não ao ministro do Comércio, que nunca mais seria realizado.

Devemos em nome da fome reclamar este benefício

O orador, prosseguindo, afirma, «o que urge fazer é todos se levantarem como um só homem e irmos junto do ministro exigir, em nome da economia nacional e em nome da fome que lava em muitos lares, esse benefício, que é também para o país» sendo no final muito aplaudido.

Depois do sr. Augusto Dias da Silva fazer de novo uso da palavra para responder ao orador antecedente sobre as razões dos seus pontos de vista, foi apresentada a seguinte moção:

«O povo de Vila Franca de Xira, reunido em comício público, para apreciar a crise de trabalho e tendo apreciado as vantagens que a construção da ponte de Vila Franca ao Cabo, viria trazer não só a solução da crise como também a economia nacional, pela ligação do tráfego entre o norte e sul do país, mas confiando na boa vontade do ministro do Comércio espera que o mesmo dê autorização, já pedida pelo Município de Vila Franca de Xira, satisfazendo assim as aspirações de toda a região que são também as do país».

O presidente, antes de encerrar, agradece a todos os oradores e pôs as moções à votação, sendo votadas por unanimidade das associações operárias e a do sr. Augusto Dias da Silva com uma emenda do dr. sr. Figueira, no sentido de ser a Câmara a única entidade a abrir o concurso.

Para dar execução às moções e mais trabalhos haverá na próxima quinta-feira uma reunião na Câmara Municipal de todas as entidades representadas. — C.

Alto, meus irmãos!

O sr. David da Silva que é um mercieiro com larga prática de balcão, falando numa das assembleias das «forças-vivas» teve esta apostofre arrebatadora, endereçada aos políticos:

«Alto seus burros!»

Estamos de acordo com o virulento orador, reconhecendo mesmo ser ele um dos mais talentosos inventores do *quilo* de 950 grammas. Agora não deixamos de o seguir e de o imitar, voltando-nos para ele e para os seus colegas, em nome dos consumidores roubados e envenenados:

— Alto, seus ladrões!

Mas por mais que lh'o gritemos o sr. David e os colegas do sr. David não se detêm. São teimosos como os burros e tão burros como os políticos. E o sr. David devia antes ter, deste modo apostofrado os políticos:

— Alto, meus irmãos.

Um parlamentar desordeiro

BERLIM, 20. — Em consequência duma disputa entre o «leader» separatista Heide rich e dois trabalhadores, diz-se que aquele assassinou um deles a tiro e feriu gravemente o outro, em Munichweier, no Palatinado.

Por motivo dos tumultos originados por este incidente, foi proclamado o estado de sítio. — (L.)

Aniversário da morte de Lenine

MUSCOU, 20. — Será comemorada em toda a Rússia o próximo aniversário da morte de Lenine. — (L.)

A educação moral na família

VI

A colaboração dos pais

37 — O casamento é uma associação. O casamento é uma associação destinada a prolongar a nossa vida na vida de nossos filhos. Esta vida que damos aos nossos pequenos, vale geralmente o que vale a nossa em saúde, em inteligência, em moralidade.

Os esposos constituem, forçosamente, uma sociedade civil, na qual o princípio da autoridade marital confere ao marido um direito de gestão, uma espécie de poder eminente, que nem sempre se exerce sem abuso, e que reclama algumas reformas.

38 — A associação do homem e da mulher é, sobretudo, moral: é uma união

Nesta união, se os esposos forem sensatos, razoáveis e bons, julgar-se-ão iguais em direitos, em dignidade, a pesar das suas desigualdades naturais em força ou em inteligência. Ao entrarem pela primeira vez na casa que para si escolheram, que os esposos deixem o seu orgulho à porta. Então a razão entrará com eles na sua moradia, terão, um para com o outro, indulgência para as irregularidades e fiascos, tolerância para as suas imperfeições e para os seus erros recíprocos. Esses ir-se-ão esclarecendo mutuamente, sustentando, aperfeiçoando de espírito e de coração. Não guardarão um contra o outro, na sua memória, cheia de azedume, alteradora, mesquinha, rançosa, a reserva que se recorre nas questões em que se interpela, em que se atira à cara um do outro ofensas armazenadas, e em que se diz: «E tu? E tu então? Tu fizeste isto assim assim. Tu disseste-me isto e aquilo!»

Não! Esses compreenderão o seu destino, compreender-se-ão e verão, cada um, o seu verdadeiro papel.

O marido e a mulher, o pai e a mãe, partilharão, pois, as tarefas.

Os pais que querem ter bom êxito na educação dos filhos são, um para o outro, uma delicadeza perfeita. Nada de impacientes. Nada de nervosismo. Nada de gestos deslocados, de palavras azedas. Um respeito recíproco exemplar. Uma lealdade recíproca absoluta. Nada de mistérios da parte da mãe para o pai. E um pai que respeita a mãe de seus filhos, reconhece-lhe, sobre eles, a mesma autoridade que a si próprio.

39 — A felicidade pertence aos bons e valerosos.

Pais e mães, as forças morais são, definitivamente, as verdadeiras forças, as únicas forças.

Eis porque, em certas famílias, se vêem criaturas firmes, uma perante a outra, olhar-se com confiança, nunca perdendo a esperança, recusando curvar-se sob o peso das maiores desgraças.

Essas criaturas, a pesar dos desastres exteriores da sua união colhem benefícios ainda assim, porque amam sem egoísmo e cumprem o seu dever sem tração.

E assim, em circunstâncias em que os medíocres de alma os julgam no fundo do abismo, eles encontram-se no cume da montanha, em plena luz e felizes a despeito do infortúnio.

A felicidade doméstica não é de modo algum uma utopia, como se diz. Está mesmo ao alcance da maioria, tanto que se lhe presta um pouco de boa vontade activa, um pouco de bom senso, de bondade e de valor. A prova é que as grandes desgraças da vida são excepcionais, e que os seres de elite sabem mesmo resistir-lhes.

Pois, sede bons e valerosos.

Dois civis aspirantes a cabos...

«Com que então sêmos dois vultos, hein?»
«Vá de agredir brutalmente dois transeuntes!»

Lêde e pasma!

Os operários Manuel Joaquim da Silva e Raúl Caixinhas, caminhavam às nove e meia horas da noite de sábado pela estrada da Encarnação, de passagem da oficina onde trabalham para as casas onde residem, quando a meio da estrada e encostados ao muro depararam com dois indivíduos que a escuridão da noite não permitiu distinguir.

—Estão ali dois vultos—disseram, e seguiram o seu caminho.

Dois metros adiante, ouviram gritar:

—Façam alto!

—Quem manda? É a autoridade? perguntaram; e, como resposta obtiveram esta ameaça:

—Parem, senão...

Os dois operários pararam. Aproximaram-se os indivíduos—os guardas 872, Florindo Bandeira e 1351, Alberto Maria Fernandes—e depois do interrogatório: quem eram, donde vinham e para onde iam—um dos guardas disse:

—Então vocês iam a dizer que nós eramos dois vultos, hein?

E puxando um deles pelo sabre, vá de zurrir à sabrada os dois operários.

Na segunda-feira contaram os operários ao patrão o que lhes sucedera. Aquelle indignou-se e dirigiu-se à esquadra com os agredidos. Formulada a queixa, o chefe aconselhou-os a fazerem a parte.

Isso se fez; e agora apenas se espera que o sr. Ferreira do Amaral promova a cabos os civis 872 e 1351.

Leram mas não pasmarão, não é verdade? Tem razão: já não há que pasmar!

Lêde o Suplemento de A BATALHA

Foi finalmente removido para o hospital o preso atacado de varíola

Os presos fizeram ontem um protesto contra uma cruel desumanidade, sem que tivesse havido um grande conflito

Desumanas são as formalidades exigidas pelo dr. sr. César dos Santos, procurador da República, para que um preso atacado de doença perigosa ou dum grave incidente, possa recolher, como exigia o seu melindroso estado, a um hospital. A morte tem um grande número de probabilidades de chegar primeiro, do que a autorização tão inconveniente pela sua complicação e pela sua morosidade.

Ainda ontem referimos a dolorosa situação em que se encontrava o preso por delito comum, Antonio do Carmo. Atacado de varíola, permaneceu durante quatro longos dias, numa pífia enfermaria da reles e imunda enfermaria do Limoeiro; sua vida correu grande perigo. A natureza contagiosa da sua doença constituía uma grave ameaça para a sua saúde e vida dos outros presos. O director da cadeia, dr. Abilio Soeiro nada podia fazer, amarrado de pés e mãos a uma determinação superior bastante estúpida e cruel. Limitou-se a pedir a autorização, a insistir pela autorização, conservando-se surdos durante três dias os duros ouvidos do dr. sr. César dos Santos.

Passamos a relatar o que se passou ontem no Limoeiro:

Pela manhã, após a costumada formatura, mandaram inquirir do estado em que se encontrava o seu companheiro Antonio do Carmo:

—Está pior—responderam-lhes. Não há esperança em salvar-lhe a vida.

Esta resposta ainda veio mais exacerbando o estado de espírito dos presos. Dadas as suas ideias de solidariedade a todos os humilhados, a todos os que sofrem, não era difícil de prever a indignação de que se possuíam. Ainda tentaram avistar-se com o director, mas o sr. Soeiro não estava na cadeia.

Os presos arvoram uma enorme bandeira sobre o telhado

Soaram às 11,30, hora em que começam as visitas. Os presos que trabalhavam no pátio subiram para as salas. E também subiram para receber as visitas muitos dos presos da sala dos Entrados. Minutos depois, os guardas, quando abriram a porta que conduzia ao grupo, observaram, estupefactos, que uma barricada se tinha erguido. Ao mesmo tempo, sobre o telhado do velho edifício, desfraldava-se uma enorme bandeira que ia duma trapeira à outra, onde se lia o seguinte, em enormes letras:

Há peste na cadeia! Povo! Reclama assistência para os presos! Abaixo o procurador da República! Fora com César dos Santos!

Minutos após, o sr. Abilio Soeiro chega à cadeia e, informado do que se passava, procura imediatamente avistar-se com os presos. Dirige-se ao grupo B, detendo-se diante da barricada que os presos haviam erguido. Ninguém o impediu, entretanto, de falar com os presos, que com o maior acatamento o escutaram.

—Pego que se mantenham serenos, evitando conflitos com a guarda republicana, que eu vou imediatamente avistar-me com o sr. procurador da República.

Findas estas palavras, foi entregue ao sr. Soeiro, uma carta dos presos. Era a última explicação que eles lhe davam.

Tendo tomado conhecimento da carta dos presos, o director das Cadeias, desceu apressadamente a escadaria do edifício. Ia já a transpor a cerca do edifício quando se encontrou com o tenente comandante da guarda que lhe mostrou uma carta que recebera dos presos. Respondendo a uma pergunta do oficial o sr. Soeiro pediu-lhe para proceder com a maior serenidade e prudência.

Uma atitude correcta e prudente do comandante da guarda

O comandante da guarda subiu, a seguir, ao patamar da enfermaria, acompanhado do chefe Ribeiro, a parlamentar com os presos revoltados. Pediu aos presos que retirassem o cartaz do telhado porque o director das Cadeias voltaria, dentro em pouco, com a autorização de enviar, para o hospital, o preso que se encontrava atacado de varíola. Declarou ter recebido a carta dos presos e prometeu agir de maneira a não agravar propositalmente os mesmos. Estes, dentro uma pilha formidável de colchões e de mesas agradeceram-lhe a maneira delicada e correcta como foram tratados.

Meia hora depois chegou o sr. Soeiro com a autorização do procurador da República para ser enviado o doente ao hospital. Então do lado interior da cerca o tenente sr. Paiva e Silva pediu, em alta voz, aos presos que retirassem o cartaz do telhado. Os presos retiraram a bandeira, ao mesmo tempo que uma voz amiga lhes gritava:

—Lá vai o preso para o hospital.

Às 13,30 a entrada para o grupo B foi desimpedida, tendo a barricada desaparecido rapidamente. As visitas que haviam esperado, com ansiedade, o fim daquela impressionante cena ainda puderam subir e estreitar os presos, entre os seus braços...

AS RUGAS

Apreensões estúpidas

Ontem de manhã, a polícia de várias esquadras efectuou rugas pela cidade, tendo a polícia da esquadra dos Caminhos de Ferro apreendido a todos os estivadores que encontraram as navilhas e ganchos que são indispensáveis para o trabalho dos mesmos.

Não concordamos que se façam rugas aos vadios esfarrapados e se deixem a vontade os vadios de casaca, mas ainda mais nos revolta que se apreendam utensílios de trabalho como se fossem apançados de morte.

UM CASO REVOLTANTE

Uma acção de despejo contra a vontade do próprio senhorio

A sublocação das moradias continua a oferecer-se à maravilha para a mais desenfreada exploração.

Todos os dias nos teríamos que referir a factos revoltantes provocados pela desmedida ganância dos inquilinos, se o espaço só se destinasse a especializarmos estas anomalias da própria legislação sobre o assunto.

Maria de Jesus, com loja de capelista na rua dos Mouros, 5, é uma das muitas sublocatárias que parece estar predestinada a impune viver da miséria de muitas famílias.

Calcule o leitor que esta «boa» Maria possui sub-arrendados: um prédio na rua da Oliveira, ao Carmo; uma casa na travessa de João de Deus e uma outra na rua dos Mouros, 13.

O rés-do-chão, n.º 13, da rua dos Mouros, sub-arrendou a Maria de Jesus a uma pobre criatura chamada Maria Gonçalves Abreu, por 25\$00, quando de renda apenas pagava 15\$00.

Passado algum tempo, ácerca talvez de 18 meses, a sublocatária exigiu à Abreu 100\$00 de renda, que esta se recusou a pagar, para o que foi aconselhada pelo próprio senhorio sr. João José dos Reis.

A Abreu, temendo a vingança da sua «senhoria», passou a depositar as rendas na Caixa Geral dos Depósitos, não sem que pesasse sobre ela a ameaça de ser desalojada da casa, ao que se opunha o proprietário do prédio.

Há algum tempo a esta parte a Maria de Jesus, que se diz comprometida em sub-arrendar a um indivíduo mediante a espolução de 5.000\$00 a casa habitada pela sua vítima, e do qual já recebeu 1.200\$00—tem procurado todos os meios, descido aos mais abjectos processos para expulsar a Maria Abreu e permitir ao indivíduo em questão habitar a casa onde legalmente, reside a vítima deste embroglho.

Assediada pelo lesado da sua promessa a benemerita arrendatária intentou uma acção de despejo contra a Abreu, que posta em juízo conseguiu que antemontem a polícia apparecesse na rua dos Mouros e puzesse na rua os móveis, trem de cozinha e todos os haveres da pobre Abreu.

O gesto da gananciosa senhoria... do prédio dos outros, indignou toda a gente daquela rua, que há noite, num gesto de revolta, colocou na casa desalojada parte da mobília, gesto que o polícia de serviço, atônito, supondo já a hidra entrou de apitar desalmadamente, fazendo convergir quantos Vianas e Sebentos a esquadra das Mercês possue...

Ontem, quando um sobrinho da Abreu guardava os pobres tãcos de sua tia, o polícia 1696 da 3.ª, que se encontrava de giro, agrediu-o levando por cima para a esquadra preso, sendo mais tarde solto.

É só ontem o triste espectáculo da rua dos Mouros teve o seu epílogo, ficando victoriosa a arrendatária, que conseguiu: negociar com o prédio estranho, ludibriar a justiça e ter ao seu serviço quasi a esquadra das Mercês!

E digam lá se a falta de carácter se não ajusta perfeitamente à ausência de sentimentos.

O peor é, se algum dia, as vítimas de tanta infâmia, fazem justiça por suas mãos contra essa caterva de arrendatários que enlaem a própria vida.

CONFERÊNCIAS

«O Camões», de Garrett

Hoje, pelas 21 horas, realiza o dr. sr. Sá Oliveira, na sede da Universidade Popular Portuguesa, rua Particular à rua Almeida e Sousa, uma conferência sobre literatura nacional. Será lido e comentado «O Camões», de Garrett. Há projecções luminosas, sendo a entrada pública.

Reforma agrária

Na sede da Universidade Livre realiza uma conferência hoje, pelas 21 horas, o sr. Mário de Castro, «A proposta da reforma agrária—Factos e depoimentos», com a assistência do ministro da Agricultura que, amanhã, no mesmo local e à mesma hora realizará também uma conferência sobre o assunto.

Agremiações várias

Escola e Biblioteca E. S. da Giestra. Tomou posse a nova comissão administrativa aprovando saídas às organizações operárias, especializando a C. O. T. e A. Batalha, e protestos contra a tirania exercida sobre os revolucionários em todo o mundo, como Sacco e Vanzetti, etc.

ILDA STICHINI na dactilografia que interpreta na comédia «Dicky», em scena no Nacional, empenha no sucesso da sua personagem, toda a graça e vivacidade, todo o talento, de que já tem dado iam belas provas.

POR BEM FAZER

UMA PRISÃO INJUSTA

No calabouço n.º 7 do governo civil, encontra-se o sr. Joaquim Pereira Sousa Neves, ex-vereador da Câmara Municipal, que antemontem foi preso na estação do Rossio.

É curioso o motivo da sua prisão. O sr. Sousa Neves acompanhava um rapaz seu conhecido, que de Gondomar viera a Lisboa apresentar-se à inspecção militar e, tendo ficado livre, foi-lhe passada guia de marcha, pelo que se dirigiu à estação do Rossio a saber se a guia era válida por mais três dias, que desejava passar em Lisboa. Como lhe respondessem que cessava no próprio dia a validade do bilhete resolveu fazer a viagem à sua custa.

Fora da estação deparou com outro rapaz, que também viera a capital por causa do serviço militar e que não tinha ainda comido cousa alguma por não ter dinheiro. Resolveu então o sr. Sousa Neves, de acôrdo com o seu companheiro, promover a venda do bilhete que só servia para esse dia, para valer ao infeliz.

Quando o sr. Sousa Neves discutia o preço com um pretendente ao bilhete, um inspector de fiscalização da C. P., que se aproximara por curiosidade, prendeu-o.

Eis um excesso de zelo pouco louvável, pois ninguém perdia com o negócio e alguma cousa lucrava quem tinha fome

O caso Afonso XIII e Blasco Ibañez

A imprensa burguesa de Lisboa também está vendida aos tiranos espanhóis

Depois das pirraças mais ou menos ridiculas, mais ou menos revoltantes que as autoridades fizeram, para impedir a venda e divulgação do livro de Blasco Ibañez: «Afonso XIII desmascarado», julgamos que a perseguição sistemática a toda e qualquer genero de publicidade desta obra tivesse findado para as pessoas que se julgam sensatas, embora os seus gestos e as suas palavras demonstrem o contrario.

Hoje temos conhecimento—nada nos admiramos—de que o editor da obra de Ibañez, em Portugal, fóra a dois jornais burgueses, ao Seculo e ao Diario de Noticias para fazer inserir um annuncio relativo à mesma obra. Mas qual não foi o seu espanto, quando lhe disseram que não podiam aceitar nenhum annuncio referente ao citado livro. Uma das razões alegadas parece que foi a de a obra ser «uma calúnia».

De nada serviu o editor explicar que não ia ali transcrever nenhum trecho do «Afonso desmascarado» mas tão somente pedir a inserção dum annuncio pago. As administrações dos respectivos jornais não quizeram ver as suas columnas «manchadas» com a publicidade de uma calúnia.

Admiramos bastante que o Diario de Noticias e o Seculo tenham tomado uma attitudão tão honesta. Se fosse um romance pornográfico, um annuncio daqueles neste genero: «Senhora nova pede empréstimo a cavalheiro sério, tem quarto, etc.» decerto que os «honrados» panfletos não receberiam manchar os seus pergaminhos inserindo a respectiva noticia, contanto que ela fosse paga...

A que attribuir pois este gesto?

E' fácil! Incluidos pelas condecorações recebidas há pouco tempo em Espanha, e não lhes convindo de maneira nenhuma irritar o rei espanhol e o seu primo, os portanões da burguesia julgam merecer com este gesto o aplauso de Rivera e dos reaccionários espanhóis. Talvez cuidem que qualquer dia destes, isso lhes valha mais uma condecoraçãozinha...

Mas quem não os conhece que os compreenda... Se amanhã a república se implantasse em Espanha e Blasco Ibañez fosse o seu presidente, estes «honrados» periódicos seriam os primeiros a engraxar o escritor que hoje fingem desprezar e a esquecer o Afonso e o Primo que hoje lisonjeiam.

PARIS, 20.—O sr. Herriot comunicou hoje à câmara que o rei de Espanha D. Afonso XIII renunciou a perseguir judicialmente o escritor Blasco Ibañez pelo panfleto contra elle publicado em Paris.—(R.)

Francês sem mestre por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 paginas 15\$00
Pelo correio 16\$50.
Pedidos à administração de «A Batalha»

NA BOA-HORA

Foi julgado Raúl Honório sendo condenado a 17 meses de prisão

No 1.º distrito criminal realizou-se ontem o julgamento de Raúl Honório, que há cerca de dois annos matou, na rua do Bemfornoso, o agente Araújo, da P. S. E. A audiência abriu, às 11,30 horas, sob a presidência do dr. sr. Franco Patricio, sendo delegado do ministério publico o dr. sr. Castro Lopes e advogado de defesa o dr. sr. Ramada Curto.

Lido o libelo accusatório o advogado de defesa apresentou a respectiva contestação. Interrogado o reu, depizeram a seguir varias testemunhas de accusação, que narrram o caso como sabiam e ouviram dizer.

As testemunhas de defesa affirmaram ser o Honório um rapaz tímido e que o julgamento incapaz do acto que praticou.

Depois de usar da palavra o delegado do ministério publico, falou o advogado do reu, dizendo que, a pesar de ser socialista e partidário de uma transformação social, é contra os atentados individuais, com elles cousa alguma lucra a causa social. Chama a attenção do tribunal para o facto do accusado ter apenas 17 annos.

O reu foi condemnado a 17 meses de prisão correcional, levando-se-lhe em conta o tempo de prisão soffrida, e a 70 dias de multa a 1\$00 por dia.

OS QUE MORREM

FUNERAIS

Realizou-se ontem, com grande acompanhamento, para o cemitério da Ajuda o funeral da sr.ª Adelaide de Magalhães Peixoto, esposa do sr. Celestino António Peixoto, gerente da Foto-lito Cristiano de Carvalho. No funeral que constituiu uma sentida manifestação de pesar, incorporou-se todo o pessoal das officinas de Cristiano de Carvalho e pessoas de familia da finada.

Coliseu dos Recreios

HOJE — às 21 horas (9 da noite)

Grandioso e extraordinário successo da NOVA COMPANHIA DE CIRCO

Os melhores palhaços do mundo

RICCO & ALEX

Grandes paradas nos seus actos e acrobacias trabalhos e canções regionais

IRMÃOS ALBANOS

Hilarantes e chistosos comicos nos seus magnificos intermedios

Mr. ABBINS

no seu arrojado trabalho de looping the loop entre chamas

A grande maravilha da época

Amanhã — GRANDIOSA «MATINEE» ACADÉMICA

Os alunos das universidades e de todas as outras escolas secundárias e superiores tem entrada na «matinee» com o desconto de 50 por cento mediante a apresentação do seu cartão de identidade.

BILHETES A VENDA

VIDA ANARQUISTA

Povo Livre.—Reúne hoje às 21 horas.

Ler o Suplemento de A BATALHA

TEÓFILO BRAGA

Aniversário da sua morte

Em reunião da comissão Teófilo Braga foi aprovado o programa comemorativo do 1.º aniversário da morte do notável trabalhador intelectual, que passa no próximo dia 28.

Às 11 horas sai do Terreiro do Paço, com destino aos Jerónimos, uma delegação do pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste que vêm depor uma coroa de bronze no ataudal do falecido sociologo.

Essa coroa é um admiravel trabalho do antigo serralheiro Vicente dos Santos Molina, actualmente chefe na Central Elétrica do Sul e Sueste. Na romagem também tomam parte os bombeiros voluntários do Barreiro e operariado. Na Casa Pia são osromeiros aguardados pela Comissão Teófilo Braga, e representantes da familia do morto. Às 12,30 realisa-se a transladação do ataudal da Casa Pia—onde tem estado—para local apropriado no Claustro dos Jerónimos, onde ficará provisoriamente até concluido o Pantheon.

Neste acto tomam parte os alunos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Às 21 horas na Universidade Livre, na Sociedade Promotora de Educação Popular, e no Centro Escolar Magalhães Lima realisam-se sessões publicas, nas quais a obra do homenageado será analisada pela ex.ª sr.ª D. Maria Clara Correa Alves, e drs. Carlos de Lemos, Elói do Amaral, António Ferrão, Agostinho Fortes, Prádo Coelho e Alexandre Ferreira.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

NO COLISEU

RICCO e ALEX

A alegria é tudo. Fazer sorrir é atordoar os dislates da vida; abrir numa fisionomia torturada um riso elatante é pôr um parentesis no aborrecimento constante da existência, presa à luta pela vida, preocupada com a hora da diffiuldade em que quasi se vegeta.

O Coliseu foi ontem para muita gente o sorriso benéfico que serve de lenitivo, foi o calmante à agitação de todos os dias cada vez mais intensa, mais amarfanhante.

Ricco e Alex são para todos os efeitos uma página interessante no livro cidadão. Não espanta portanto a concorrência enorme que foi ao vasto circo para receber-lhes, levando também um sorriso de saudação, num amplo cumprimento de boas vindas. Reparação feliz que, ergue em péso uma assistência compacta, frenética em aplaudir os clowns, ofegante em rir com os seus intermedios.

Está agora bem completa a companhia do Coliseu dos Recreios. Ricco e Alex tomaram a sua posição conquistada espontaneamente. De hoje em diante ninguém deixará de rir no vasto circo e a empresa rirá também, bem mais ainda do que... os espectadores!

NOGUEIRA DE BRITO

Reclames

A noite de hoje no Nacional é de elegancia e de extraordinária concorrência, pois que se realiza a récita da moda com a encantadora comédia, «Dicky».

Devido ao extraordinário successo que está fazendo no Apolo a peça «O Amor de Perdición» a empresa daquelle teatro leva ainda hoje à scena o admiravel drama cujo êxito vem a manter-se dia a dia.

«O Pic-nic» em scena no Eden, é uma revista leve, animada, desenvolta, com graça, linda musica e deslumbrantissima apresentação, formando no conjunto um espectáculo admiravel.

Sociedades de recreio

Teatro Incrivel Almaden.—Promovido pelo grupo «Luz e Instrução», effectuada no próximo sábado 24, um espectáculo de propaganda anti-clerical, em que subirá à scena a peça em 3 actos «As vítimas dos jesuitas».

Mutualismo e cooperativismo

Ass. S. M. Empregados no Comércio e Indústria.—Tomou posse a Direcção eleita para o exercicio no corrente anno, tendo resolvido saudar «A Batalha».

Eden Teatro

(Telefone Norte 380)

HOJE, ÀS 9,30 DA NOITE

Grandioso successo de revistafantasia

Pic-Nic

Graciosa indolencia Deslumbrante fantasia

OS BONECOS ARTICULANTES

pelo numeroso corpo de baile

O hilarante quadro de comédia

Todos fogem do calabouço

Maravilhoso guarda-roupa de TRIME VALVERDE

Deslumbrantes scenarios de Salvador, Magalhães, Rogério Machado, Ballyar Rodrigues e Campos e Oliveira

Os bilhetes estão à venda durante o dia

SEM LOCAÇÃO

TEATRO NACIONAL

do qual faz parte o distinto actor

JOSÉ RICARDO

HOJE em récita da moda

DICKY

a mais espiituosa de todas as comédias

DICKY

TEATRO APOLO

HOJE—GRANDIOSO ÊXITO—HOJE

O AMOR DE PERDIÇÃO

O ferrador pelo ilustre actor António Pinheiro—Na próxima semana: festa de Jorge Grava

AS DUAS ORFAS

Os livros e os autores

«SINFONIA PAGÁ» — versos por Beatriz Delgado — Edição da Portugalia

Compõe-se de dez pequenos poemets, a que a autora chamou sinfonias; este pequeno livro da poetisa Beatriz Delgado, intitulado «Sinfonia Pagá». Canta a tristeza das pérolas, o colar duma corteza, as lágrimas de arlequim, a confissão de Inês, uma história de dois faunos, o castigo da Psyché, Mariana Alcoforado, a canção de Phryneia e a Primavera.

Não se pode dizer que seja um livro absolutamente destituído de engenho poético, mas precisamente porque Beatriz Delgado já não é uma principiante, mal se justifica a sua publicação.

Em primeiro lugar, não é apenas com dez pequenas poesias, que caberiam em vinte páginas, que se forma um livro de versos — a não ser que estes fossem duma alta expressão, em arte; depois, a uma pessoa que



O INQUÉRITO DE A "BATALHA"

Predios que ameaçam ruína, estradas intransitáveis e terrenos por cultivar!

Insistimos pela pronta resposta dos sindicatos que até à data ainda nos não enviaram as suas comunicações. Essas respostas não devem demorar, sob pena de não ficarmos completos, pois não podemos mencionar as localidades que faltam, sem que se manifestem os sindicatos nelas existentes.

Odemira

Do nosso camarada António Lourenço, trabalhador rural, recebemos a seguinte comunicação referente a Odemira:

Trabalhos por conta do Estado:

- 1.º Conclusão da estrada de macadam que liga Odemira a Lagos;
- 2.º Conclusão da estrada de macadam que liga esta vila a Aljustrel;
- 3.º Construção de uma estrada de macadam que liga esta localidade a Cereal do Alentejo. Estas estradas estão determinadas desde o tempo da monarquia;
- 4.º Reparação da estrada de macadam que liga Odemira com a estação do Caminho de ferro;
- 5.º Conclusão do ramal de Sines e o seu prolongamento até esta localidade, há longos anos nomeado;
- 6.º Dragagem do rio Mira e reparação da sua ponte;
- 7.º Exploração dos filões de ferro e outros minerais existentes na freguesia de São Luís deste concelho.

Trabalhos por conta do Município:

- 1.º Demolição, reconstrução e reparação de todos os prédios que ameaçam ruína e que são pertença da Câmara;
- 2.º Reparação e calcetamento das ruas;
- 3.º Construção de 4 ou 5 urinóis e sentinas públicas;
- 4.º Abastecimento das águas podendo ser utilizada a grande nascente da herdeza Calado, como está resolvido desde o tempo da monarquia;
- 5.º Dotar a vila de luz eléctrica;
- 6.º Construção dum lavadouro público;
- 7.º Construção dum mercado público.

Trabalhos por conta de particulares:

- 1.º Demolição, reconstrução e reparação de todos os prédios que ameaçam ruína;
- 2.º Acabamento das edificações cujas obras se encontram paralisadas.

Trabalhos agrícolas:

- 1.º Expropriação e cultivo de todos os terrenos que estão de pousio há mais de 4 anos e que ainda se conservam incultos. Esses terrenos dariam trigo, centeio, cevada, milho, arroz, feijão, batata, etc.
- 2.º Estes terrenos poderiam, quando os seus possuidores não os pudessem cultivar, ser entregues aos sindicatos rurais, que os cultivariam mediante o auxílio do Estado em gados, sementes, alfaias, etc. Este auxílio poderia ser pago no fim das colheitas.

Mexilhoeira Grande

Do sindicato rural da Mexilhoeira Grande recebemos a seguinte resposta:

Trabalhos por conta do Estado:

Reparação das estradas de macadam de Mexilhoeira Grande a Lagos e de Mexilhoeira Grande a Portimão que estão intransitáveis.

Trabalhos por conta do Município:

- 1.º Encanamento das águas da Figueira para este povo. No depósito trabalham dois motores abastecendo Portimão. Podiam também fornecer água para esta povoação.
- 2.º Reparação das ruas, pois algumas delas já estão intransitáveis.

Trabalhos agrícolas:

Encontram-se entre Portimão e Mexilhoeira Grande vários terrenos abandonados. Entre outros há a tapada do sr. João Bernardo, que hoje está de renda e que noutro tempo dava milhares de alqueires de pão e hoje só dá erva, e uma propriedade pertencente ao sr. Francisco Bivar, a qual se encontra abandonada e que devidamente cultivada daria muitos milhares de alqueires de mantimentos e além disso também se podiam fazer boas marinhas de sal.

Queixas e reclamações

Brincadeira ou malandrice?

O *Diário de Notícias* publicou recentemente um anúncio de «ajudante de vestidos» que se encontra na rua da Rosa... Algumas camaradas costureiras sem trabalho, dirigiram-se a oferecer-se, mas qual não foi o seu espanto e indignação ao reconhecerem que a casa indicada no anúncio era uma casa de prostituição.

Tratar-se-á de uma brincadeira estúpida ou de uma malandrice? De qualquer forma é excecível o autor do anúncio. Há procedimentos que retratam um indivíduo.

No Bairro Social de Alcântara

No Bairro Social de Alcântara vivem numas barracas algumas das famílias que, em virtude dos últimos desabamentos, ficaram sem habitação. Parece que em virtude de se pensar na continuação das obras daquele bairro, o fiscal do dito bairro, o taberneiro António Roxo, intimou aquelas famílias a abandonarem as barracas. Não é humano tal procedimento. Se é preciso o despejo dessas barracas, que se arranje para essas famílias outros alojamentos.

Policia de maus fígados

João Rodrigues Cirne, tendo estado no Barreiro, foi ao mercado daquela localidade e, quando pretendia comprar peixe, observaram-lhe que a policia determinara que o mesmo se não vendesse. Uma observação sua fez com que um policia, encarregado da fiscalização, lhe caísse em cima agredindo-o cegamente e conduzindo-o ao posto policial, onde poucas horas permaneceu por os colegas do agressor o aconselharem a não manter a prisão por ser injusta.

Crise de trabalho e baixa de salários

A U. S. O. de Lisboa entrega hoje ao governo a lista dos sem trabalho

A comissão administrativa da União dos Sindicatos Operários de Lisboa, procurou ontem no Parlamento o presidente do ministério, a fim de lhe entregar a lista de operários sem trabalho.

Não podendo o dr. sr. José Domingues dos Santos, receber a comissão por estar tomando parte no debate politico, aconselhou, no entanto, os comissionados a voltarem ali hoje, o que pela referida comissão foi aceite, realizando-se aquela entrega às 17 horas.

Convite da Federação dos Empregados no Comércio

A Junta Sul da Federação dos Empregados no Comércio convida todos os sindicatos da especialidade, a quem foram endereçadas, a circular sobre crise de trabalho, a enviarem uma resposta rápida para completar o seu estudo sobre crise.

Operários metalúrgicos sem trabalho

Afim de apreciar a resposta do Ministro do Trabalho, ontem dada à comissão que a entrevistou, reunem hoje novamente pelas 15 horas, na sede do Sindicato Unico Metalúrgico, os metalúrgicos sem trabalho.

A Federação da Construção Civil entrevista alguns ministros

Uma comissão delegada da Federação da Construção Civil entregou ontem ao secretário particular do ministro do Comércio, ministro da Marinha e presidente do ministério o parecer sobre crise de trabalho, tendo-lhes merecido especial atenção a parte que se refere à crise nas províncias.

As entidades referidas prometem tomar imediatas providências, de forma a que a crise seja atenuada o mais rapidamente possível, e neste sentido o secretário do ministério do Comércio declarou que já tinha providenciado no respeitante a Évora.

Foi entrevistado o sr. Ortigão Peres sobre o levantamento da verba de 3.000 contos para o desenvolvimento das obras das Casas Económicas da Ajuda, por aquele senhor foi declarado que a pesar de todas as boas vontades a referida verba não poderia ser levantada antes do fim do corrente mês, tempo julgado indispensável para preencher as formalidades necessárias.

A comissão entrevistou também o engenheiro-director das obras do novo Arsenal no Alentejo, tendo ficado estabelecido o poder-lhe enviar o Sindicato de Almada imediatamente a lista dos operários inscritos sem trabalho.

Comunicação dos Manipuladores de Pão

O Sindicato dos Manipuladores de Pão previne todos os operários de padaria que se encontram na província que este sindicato já encerrou a inscrição dos desempregados, não sendo conveniente que os operários que se encontram na província venham para Lisboa em virtude da enorme crise de trabalho.

A situação do operariado da Covilhã e as «caridosas» intenções de socialistas e burgueses

COVILHÃ, 19.—Centenas de operários que há muitas semanas vagueavam já pelas ruas e praças públicas, continuam sem ocupação.

A comissão de melhoramentos do Sindicato Têxtil têm trabalhado activamente para conseguir melhorar a situação do operariado, instando com a direcção da Associação Industrial, com um industrial, com a Câmara e delegado do governo, tendo também ido a Lisboa, junto do governo, sem nada conseguir.

Veio à Covilhã o ministro do Trabalho, que fez muitas promessas, mas nada resolveu.

A burguesia, principal culpada da miséria de milhares de operários, escarnece da fome e privações, que o operariado suporta, promovendo festas e bandos precatórios, cujo produto reverte em benefício dos famintos.

São numerosos os indivíduos, de aspecto cadavérico, que se vêem pedindo esmola de porta em porta.

Um indivíduo de nome José B. Gíria, fez publicar, num jornal local, um artigo opinando pela formação de uma grande comissão para angariar donativos para assistir aos operários sem trabalho.

Os socialistas, numa sessão comemorativa do aniversário do seu partido, ocuparam-se da crise de trabalho e carestia da vida, manifestando o desejo de se criar uma frente única, como se o operariado da Covilhã estivesse dividido em fracções. Foi por eles aprovada a ideia da grande comissão, pensando na sua organização, tendo já oficiado à Associação dos Operários Têxteis para acordarem na melhor forma de o fazer.

Estará o operariado daqui disposto a aceitar a hipócrita caridade destes tartufos? — C.

Os rurais de Ervedal ocupam-se da crise

ERVEDAL, 19.—Na Associação dos Rurais, e para se ocuparem da crise de trabalho, reuniram em sessão magna os trabalhadores rurais nesta localidade.

Presidiu João António Chambel, secretário por Joaquim S. Pinto e Francisco A. Chambel. O presidente expôs os fins da sessão, lamentando que houvesse camaradas que sabendo existir o salário de 10.000 fossem trabalhar para o sr. José Marques com um salário de 8.000, quando alguns capitalistas cá do burgo se aproveitaram do facto para o explorar.

Francisco M. Faure aconselha todos os trabalhadores a ingressarem no sindicato e a emprestarem-lhe todo o vigor.

José G. Barradas começa por lamentar que muitos trabalhadores andem arredados dos sindicatos, pois não é numa situação miserável como a que se atravessa que os operários devem estar afastados dos sindicatos.

João S. Pinto refere-se ao facto dos trabalhadores se sujeitarem ao salário de 8.000, quando vivem na miséria. Faz um ataque à religião e diz que se os trabalhadores estivessem organizados como era para dese-

jar, no dia 20 do corrente, no cômicio público a realizar em Benavilla, os rurais de Ervedal e Aviz iriam auxiliar as ideias liberais daquela localidade para não serem afrontados como o foram pelo delegado do governo, que pretende auxiliar os católicos de Benavilla com a ajuda da G. N. R. Refere-se às ditaduras, lembrando a conveniência de no dia 25 do corrente se realizar uma sessão de protesto contra as ditaduras e perseguições aos operários, sendo aprovados dois protestos, um contra a forma como o delegado do governo favorece a reacção em auxiliar a procissão que os católicos de Benavilla querem levar a efeito; outro contra a proibição de liberdade de reunião.

As reclamações da construção civil da Guarda

GUARDA, 19.—Para apreciar a resposta ao inquérito de *A Batalha*, reuniu há dias o Sindicato da Construção Civil, em assembleia geral.

Damião Ferreira da Silva, que presidiu, refere-se elogiosamente ao trabalho produzido pelo órgão dos trabalhadores, considerando-o como um dos mais importantes levados à prática pela organização sindicalista.

Ernesto Ferreira tem palavras encomiásticas para o nosso jornal, e em termos lições por se em confronto a obra de *A Batalha* com a dos governantes, aquela denunciando o que há a fazer, estes fazendo ouvidos de mercador.

Depois combate calorosamente a obra dos reacçãoários, referindo-se aos últimos acontecimentos na Igreja dos Congregados.

Aprovada a resposta ao inquérito e aberta uma quele para os desempregados da Covilhã, que rendeu 36.500, foi encerrada a sessão. — C.

CONTRA UM DECRETO

Um protesto das classes marítimas de longo curso

A comissão de defesa da Marinha Mercante, interpretando o sentir das classes marítimas de longo curso, endereçou, ao presidente do ministério e ministro da Marinha, um protesto contra o projectado decreto que manda constituir a comissão consultiva da Marinha Mercante com entidades da Marinha de Guerra e representantes das associações do Comércio, da Indústria, dos Armadores, excluindo sistematicamente representantes das associações dos oficiais da Marinha Mercante, entidades estas que poderiam com tanta ou mais autoridade e critério, resolver assuntos concernentes aos fins para que é criada essa comissão.

Nesse protesto faz-se sentir que os interesses e o engrandecimento da Marinha Mercante não podem estar à mercê de entidades que são inteiramente desconhecedoras das exigências e necessidades desse importante meio de transportes e comunicações.

A VOZ DO OPERÁRIO

Não cessa o estandalo

Desmentem-se afirmações da actual Direcção

Reuniu novamente anteontem a comissão de defesa da «Voz do Operário», que tomou conhecimento da nota há dias enviada à imprensa pela direcção desta Sociedade. Constatou a falta de verdade na afirmação feita na referida nota de que esta colectividade esteja sendo dirigida pela classe fundadora.

Os actos irregulares e escandalosos dentro da Sociedade cometidos são verdadeiros e foram já alguns confirmados pela sindicância ali feita e largamente relatados no jornal órgão da Sociedade e todos eles certamente serão demonstrados e provados no relatório que a comissão de sindicância deve elaborar e que será entregue ao chefe do districto por estes dias.

Constatou igualmente não ser verdade que a actual direcção da Sociedade nada tenha que ver com as gerências transactas, quando a verdade é que da mesma fazem parte indivíduos que já fizeram parte de outras gerências ultimamente sindicadas.

A comissão também constatou a continuação pela actual direcção dos actos irregulares, já apurados, porquanto se está demolindo toda a obra construída ali feita pela comissão de sindicância e reintegrando as criaturas manifestamente imorais nos cargos de que foram demitidos e prosseguindo nos abonos ilegais que tinham sido abolidos.

A sessão pública que hoje se devia realizar em Alcântara, ficou adiada, realizando-se brevemente e no mesmo bairro mas em outra sede e não na que tem vindo anunciada, por virtude das salas do Centro Dr. Bernardino Machado estarem ocupadas todas as noites.

Comissão pró-presos por questões sociais

Importâncias entregues a esta comissão, desde 1 a 31 de dezembro de 1924:

Quele tirada na festa realizada em 29 de novembro no salão da C. Civil, 1957; numa sessão realizada na Ass. dos Op. da C. Civil de Cascais, 21.000; no Cong. dos Op. Sold. das Fab. de Conservas realizado em Setúbal, 70.000; Trab. Rurais de Ervedal, 21.000; idem de Cabeço de Vide, 60.500; idem de Benavilla, 7.500; idem do Cano, 34.500; idem de Fronteira, 27.500; idem de Saborro, 22.500; cotização entre os carpinteiros do cons. técnico da C. Civil, das obras do novo manicómio, 175.000.

Esta comissão reúne hoje, pelas 21 horas, para tratar dum assunto urgente e inadiável.

LEDE E PROPAGAI

O SUPLEMENTO DE "A BATALHA"

O ANIVERSÁRIO DA MORTE DE KARL LIEBKNECHT E ROSA LUXEMBOURG

No dia 14 deste mês fez anos que Karl e Rosa foram cobardemente assassinados.

Karl Liebknecht foi para o mundo operário, para a juventude proletária, o creador da Internacional dos Jovens, foi ele quem em 1907, disse à mocidade trabalhadora que quando ela quizesse acabaria o exército.

Rosa Luxemburg, foi o eco que respondeu à tempestade com estas palavras: «Os proletários não têm pátria».

Lembrem-se dos dias trágicos de 1914, em que Liebknecht apelava para a consciência dos povos enganados, espoliados, esfaumados, para se erguerem contra os traidores da União sagrada.

Foi então que Karl, que até ali se vira sózinho, teve mais um lutador ao seu lado: Rosa Luxemburg.

Bem sabia ele que a luta anti-militarista era a forma extremista da luta de classes! Ela por seu lado, combatera durante muitos anos na própria Internacional contra o revisionismo.

Nesta esquerda radical em que Kantsky começava já hesitante, em que Guesde nada podia opor à prática e teoria de Jaurès, em que Vitor Adler se inclinava já para o revisionismo, Rosa lutou, pela acção das massas, contra todas as formas de oportunismo, contra a teoria de Millerand, e contra o ministerialismo.

Na esperança de que uma bala providencial a livrasse do seu mais implacável inimigo, a burguesia de 1914 enviou Liebknecht para as trincheiras.

No dia 1 de Maio de 1916 é encontrado na Potsdamplatz em Berlim arastando atrás de si uma manifestação contra a guerra. E' metido na prisão, mas mesmo assim os seus apelos e manifestos conseguem atravessar as grades do cárcere e sob a assinatura de «Implacabilis» o prisioneiro dirige-se aos jovens operários nos seguintes termos:

«A Internacional dos velhos morreu, a dos novos vive e continuará a viver. As monstruosidades que ela está presenciando servir-lhe-ão de lição».

«Marcharei sempre na vanguarda dos povos» escrevia ele por vezes.

No entanto, na Alemanha, apesar das perseguições de que é alvo, Rosa Luxemburg agrupa em volta de si a oposição à guerra e dirige a ofensiva sobre duas frentes: contra os representantes autênticos da tração social e contra os fingidos oposicionistas como Haase, Ledebour, etc. Metida na prisão, escreve inúmeros artigos sobre os problemas mais urgentes.

Afastada do mundo exterior ela receia que o imperialismo alemão, apoiado na paz de Brest, esmague a Rússia revolucionária e nesse sentido apela para todos os proletários da Alemanha, fazendo-os responsáveis dos perigos aos quais está exposto o Estado soviético.

Libertos pela revolução de 19, todos os olhos se fixam nêles, durante esses dias sangrentos de Janeiro, repletos de batalhas violentas, em que a greve geral obriga a burguesia e a social-democracia a aliar-se para a defesa da propriedade capitalista, em que a luta é guiada, não por uma particularidade da revolução, «mas pela Revolução, na sua integridade».

Mas no dia 14 de Janeiro, Liebknecht e Rosa Luxemburg, foram abatidos pelas balas dos ex-oficiais do imperador.

Os mártires não chegaram a conhecer as sessões frígidas das salas de justiça, não foi pronunciada nenhuma frase pomposa, nenhuma frase oficial; foi às coronhadas com o capitalismo e a burguesia acabaram com Karl Liebknecht e Rosa Luxemburg...

PROPAGANDA SINDICAL

Metalúrgicos de Torres Novas

TORRES NOVAS, 19.—Com grande concorrência realizou-se na sede do Sindicato U. C. Civil, uma sessão de propaganda sindical para os operários metalúrgicos, com a presença de dois delegados da respectiva indústria.

Expostos os fins da sessão, usou da palavra Francisco Viana, da Federação Metalúrgica, que salientou o valor do sindicato como organismo de aperfeiçoamento moral, intelectual e profissional das massas trabalhadoras, descreve a largos traços a situação precária em que estas se encontram e a forma de os operários actuarem dentro e fora do sindicato.

O outro delegado, José Gonçalves, expôs as funções e valor do sindicato, da federação, da confederação e da internacional.

Falaram também nesta sessão Faustino Brites, pelos carruageiros, e Alves e Pereira Júnior, pelos metalúrgicos, tendo o primeiro destes apresentado uma moção de protesto contra a condenação de Manuel Ramos, contra a tirania de que estão sendo vítimas os camaradas espanhóis, e de apoio moral aos mesmos. — E.

A SELAGEM DE BEBIDAS

Os operários das fábricas de refrigerantes e cervejas protestam junto do Parlamento

Algumas centenas de operários, representando o pessoal de 24 fábricas de refrigerantes e 4 de cervejas, dirigiram-se anteontem ao Parlamento, tendo entregue à presidência e alguns deputados uma representação em nome do pessoal daquelas fábricas, reclamando a aprovação urgente da proposta de lei do deputado sr. Daniel Rodrigues que isenta as limonadas do selo e reconhece a impraticabilidade da aplicação de estampilhas fiscais em bebidas pobres e sujeitas a estarem em geleiras, podendo assim atenuar-se a gravíssima situação de cerca de 2.000 operários atingidos pelos efeitos da selagem.

Nesta redacção estiveram os mesmos operários, por intermédio duma comissão, protestando contra a forma como o deputado Sá Pereira os atendeu, que consideraram desabrida, e expõem a sua situação em face da lei sobre selagem de bebidas que motivou a paralisação de 2.000 operários pela recusa da aquisição do produto.

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Comité confederal

Reúne hoje, às 21 horas.

COMUNICAÇÕES

Condutores de Carroças.—Em reunião da comissão administrativa foi constatada a apatia da classe e resolvido, a propósito das pesadas multas que sobre os seus componentes, constantemente, são lançadas, vem avisar os mesmos que quando qualquer injustiça os atinja o devem comunicar ao sindicato para lhe dar o devido andamento. Foi apreciada a situação moral dos condutores nas áreas de Alcântara e Póço do Bispo e resolvido promover brevemente reuniões magnas e de propaganda nas mesmas e criar ao mesmo tempo os respectivos conselhos de delegado por cocheiras.

Constatou-se a enorme crise que avassala a classe e que só tem justificação no facto do patronato da indústria pretender reduzi-la a fome.

Sobre o estado do conflito com a casa Martins & C., resolveu-se enviar um delegado a informar-se.

Os corpos gerentes reunem na próxima sexta-feira para se ocuparem dos assuntos acima expostos.

Devem ir a sede prestar contas todos os cobradores que ainda o não fizeram.

Descarregadores de Mar e Terra.—Com a presença de grande número de associados reuniu em assembleia geral esta classe para nomear um fiscal, cobrador e delegado efectivo, sendo mais uma vez unanimemente ratificada a confiança aos camaradas Manuel Rodrigues e Júlio da Anunciação que não queriam aceitar esses cargos. Apreciou alguns assuntos referentes ao conselho técnico e constatou a suspensão de Carlos Francisco.

Manipuladores de Pão.—Reuniram em assembleia geral tendo protestado contra o procedimento do caixeiro Andrade da rua Almeida e Sousa que sendo bastante conceituado na Companhia Nacional de Alimentação pelo roubo feito aos moradores de Campo de Ourique, vai ser nomeado, como recompensa, chefe das padarias. Foi também verberado o procedimento do fiscal Elias Carracedo e seu ajudante José Marques por se recusarem a levantar a folha do fabrico diário, por motivo do caixeiro da Avenida das Cortes, não roubar como eles desejavam. Salientou-se a «cegueira» da policia e da fiscalização que não vêem os roubos cometidos.

Aprovou-se um protesto contra a proibição pela policia de reuniões operárias contra a ditadura espanhola.

Foi eleita a nova direcção que ficou assim composta: secretário-geral, José Abrantes Castanheiro; secretário-administrativo, Domingos Gonçalves; secretário arquivista, Alfredo Gamba; vogais: Adelino Pinto Correia e Florentino Teixeira.

Comissão de melhoramentos: Cândido Marques, Alexandrino Valente Coutinho, Manuel Capela, Duarte Pereira, Alfredo Gamba, Manuel Miranda e Adelino Pinto.

Federação Mobilíaria.—Conselho Federal.—Na reunião de ontem foram largamente apreciados os officios dos sindicatos do Pórtio, Braga e Delegação Confederal. Foi aprovada uma moção que conclui por convidar o secretário administrativo, camarada Grilo, a comparecer, a fim de liquidar as suas responsabilidades morais e financeiras; nomeação duma comissão que, caso o dito camarada falte, elaborará o balancete do ano transacto.

Estas resoluções foram tomadas no sentido de abreviar a posse do secretário geral, afastado por doença.

Operários Alfaiates.—Reuniu ontem a assembleia geral da classe para eleição dos corpos gerentes, a qual deu o seguinte resultado: Direcção: presidente, Manuel Guilherme d'Almeida; tesoureiro, Manuel Saraiva de Aguiar; secretários, Manuel Ribeiro e Eduardo Miranda; vogais, Artur Pedro dos Santos e António Nicolau Gomes Correia. Assembleia geral: presidente, Alberto Monteiro; vice-presidente, António Simão Amaro; secretários, José da Mota Amorim e João Brás. Delegados à U. S. O.: Alberto Monteiro e Ernesto Bonifácio. Conselho Fiscal: António Domingos, Alfredo Martins e Augusto Fragosos.

Todos os eleitos tomam posse amanhã, pelas 21 horas, devendo comparecer o cobrador.

S. U. da Construção Civil.—Secção profissional dos serventes.—Nem os corpos gerentes, que ficaram assim constituídos: Comissão administrativa: 1.º secretário, António Ferreira Cieto; 2.º secretário, Abel Almeida Lemos; tesoureiro, Manuel Patrão; vogais, David Lopes e Joaquim Adrião. Conselho técnico: Manuel Patrão, António Guedes e António Nunes. Conselho de secções: Alexandre Assis e Alfredo Miranda; comissão de cultura e propaganda: António Guedes; comissão administrativa do sindicato: Abel Almeida Lemos. Comité da sede: Joaquim Aparício. Assembleia geral: António Gonçalves Bastos e Alfredo Miranda; comissão revisora de contas: Teodoro Francisco, Elísio do Nascimento e António Gonçalves Bastos.

CONVOCAÇÕES

REUNEM HOJE:

Federação do Livro e do Jornal.—Secretariado.—Reúne hoje às 21 horas.

Federação dos Empregados no Comércio.—Conselho Geral do Sul.—Este Conselho, pelas 21 horas.

Federação da C. Civil.—Pelas 21 horas, a comissão administrativa.

Federação de Calçado Couros e Peles.—Comissão administrativa.—A's 20.30 horas.

Compositores Tipográficos.—A requerimento de 5 sócios, e em conformidade com o disposto no n.º 2 do art. 13.º, assembleia geral extraordinária, pelas 18 horas, para tratar da crise de trabalho e a forma de a resolver.

Impressores Tipográficos.—A direcção e cobrador, às 21 horas.

Sindicato U. da Construção Civil.—Para discussão do regulamento geral dos sindicatos e suas secções, pelas 21 horas, em assembleia geral.

A' referida assembleia devem comparecer também, o pessoal e encarregado das obras do Banco do Minho.

S. U. Metalúrgico.—Reúne hoje, pelas

20 horas prefixas, o conselho técnico e de melhoramentos para tratar dum assunto de alta importância.

Manufaturas de Calçado.—Pelas 21 horas, a nova comissão administrativa juntamente com a transita para tomar posse.

Descarregadores do Porto de Lisboa.—A assembleia geral, pelas 21 horas, para assuntos inadiáveis.

Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa.—A's 19.30 horas, a assembleia geral, para apreciar as «démarches» da comissão de melhoramentos e vários assuntos de interesse para a classe.

Operários Municipais.—Reúne hoje pelas 20 horas, secção da construção civil, para tratar, entre outros assuntos de importância, do aumento de salários.

Liga dos Oficiais de Marinha Mercante.—Reúne pelas 15 horas, a secção dos Oficiais Nauticos.

PARA DIAS PRÓXIMOS:

Sindicato U. da Construção Civil.—Secção sindical da Charneca.—Reúne amanhã, às 20 horas, em assembleia geral, a comissão administrativa com a presença de dois delegados do Sindicato Unico, para apreciar a gerência do ano de